

ALÉM DO QUADRO*

Benilde Justo Lacorte Caniato**

Algumas escritoras portuguesas atuais têm-se dedicado a tratar da solidão: solidão "a sós", "sociológica", que se manifesta pela ausência dos outros; solidão "em companhia", "ontológica", que se revela pela presença⁽¹⁾. Dentre elas citamos Maria Judite de Carvalho, responsável por várias publicações, tais como: *tanta gente*, Mariana (59), *As palavras poupadas* (61), *Paisagem sem barcos* (63), *Os armários vazios* (66), *Flores ao telefone* (68), *Tempo de Mercês* (73), *Além do quadro* (83).

As narrativas juditianas surpreendem-nos com uma visão da realidade decalcada em malogros secretos, em que são fixados episódios banais, que penetram nas regiões da ambigüidade, onde a imaginação caminha sem fronteira. Buscando exprimir a relação do ser humano em seu desenvolvimento com o mundo, bem como os da frustração no amor e na amizade, do egoísmo, da solidão.

Além do quadro compõe-se de doze momentos narrativos, em cujas histórias ora prosaicas, ora insólitas perspassam figuras bastante diversificadas quanto a situações socioculturais. Damiana destaca-se na narrativa que dá nome à obra, perscrutada agudamente pela Autora; marca-se por uma angustiada expectativa de morte física, num assíduo diálogo com sua solidão. Contrapondo-se a ela o narrador relata o passado de experiências distintas, embora conjuntas incorporando-o ao "quadro" do presente com Bárbara. Intercruzam-se com as do narrador vozes femininas pluralizadas (Damiana, Bárbara e outra mulher), numa alternância de pontos de vista para revelar que o amor, a amizade, a esperança podem perecer a qualquer momento, em virtude de suas fragilidades.

É de destacar no universo de *Além do quadro* "vozes" de outras figuras, que, pouco a pouco, se vão incorporando como impressões subjetivas enquanto estímulos auditivos se intensificam. Em "A noite indigna", por exemplo, vozes "frias, e até geladas, burocráticas, comovidas" cumprem apenas

um dever social para exprimir o sentimento vazio de perda prematura de um filho num desastre. Outras vozes, no entanto, são consoladoras, ainda que venham de um velho rádio para tornar o sonho de Adília quase uma realidade.

Também há vozes "sem palavras", de rostos que se desmaterializam, que conversam com os fantasmas da ilusão, numa espécie de realismo mágico, como se pode conferir em "Leandro" e em "Aqui em parte nenhuma". Para "Além do quadro" do presente, o aviador comercial, seja por excesso de horas de voo, seja por outras razões, poderá "estar totalmente em parte nenhuma", para, com certeza, usufruir melhor de um mundo sem códigos. Volta aqui a Autora a alguns temas de *Os idólatras* (69), em que homens "robôs" passam a viver num futuro sem sentimentos, mas também cheio de desencantos. Terá sido uma maneira "kafkiana" de perguntar ao homem o que será feito dele depois que transformar o mundo? Talvez.

Maria Judite, em "Além do quadro", extrai de um quotidiano simples a ansiedade, a inquietação e mesmo a esperança que cada uma de suas criaturas procura viver. Não justifica seus casos, nem promove solução a seus conflitos, mas apresenta, com muita sensibilidade e emoção, o que se lhes está sedimentado no fundo da alma. A solidão "a sós" ou "em companhia" acaba por comprometé-las com simulações e segredos, em torno de um tempo, como diria Virgínia Woolf, muito longo para pensar e muito curto para agir. A ordem arbitrária dos eventos, por sua vez, acompanha o ritmo das evocações fragmentadas em seus registros de impressões, que conduzem à essência das coisas.

Finalmente diríamos que os processos narrativos da moderna novelística, habilmente trabalhados pela Autora, vão permitir a construção de Damianas, Estelas, Joanas, Adílias, cujas essências se pautam ora num passado de experiências vividas, ora num futuro de novas dimensões.

* CARVALHO, Maria Judite de. *Além do quadro*. Lisboa, O Jornal, 1983.

** Professora de Língua Portuguesa da USP.

(1) Cf. TORRES, Alexandre Pinheiro. *Romance: o mundo em equação*. Lisboa, Portugalina